



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA**

**INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MARIA IVANEIDE DEODATO ARAÚJO OLIVEIRA

**OS DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: ANÁLISES PRELIMINARES**

REDENÇÃO – CE

2021

MARIA IVANEIDE DEODATO ARAÚJO OLIVEIRA

**OS DESAFIOS DA LEITURA E ESCRITA NOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL: ANÁLISES PRELIMINARES**

Projeto de pesquisa apresentado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, como requisito parcial para aprovação no curso Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosângela Ribeiro da Silva

REDENÇÃO – CE

2021

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. HIPÓTESES	3
3. OBJETIVOS	4
3.1. Objetivo geral	4
3.2. Objetivos específicos	4
4. JUSTIFICATIVA	5
5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	7
5.1. O processo de ensino-aprendizagem da Leitura e escrita: desafios enfrentados.....	7
5.2. Políticas educacionais: formação de professores e as possibilidades para o ensino-aprendizado da leitura e escrita	10
6. METODOLOGIA.....	15
7. CRONOGRAMA.....	16
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	17

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, pretende-se verificar, como se dá o ensino das práticas de Leitura e escrita para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, especificamente da Escola Municipal Francisco Januário da Costa, localizada no Maciço de Baturité, no município de Redenção – CE, investigando às possíveis dificuldades encontradas pelos professores, em sala de aula e às contribuições da referida escola, no âmbito das metodologias educacionais, destinadas a uma efetiva aprendizagem da Leitura e escrita. Para tanto, será levada em conta, as orientações que constam na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017). Na qual é frisado, o dever da escola, enquanto instituição de ensino a promoção de um ensino crítico-reflexivo, que contribua para a formação, exercício e autonomia da cidadania do aluno em sociedade.

Um ponto que merece ser observado atentamente é a forma como as avaliações vêm sendo realizadas, uma vez que, o seu papel é fundamental para identificar as dificuldades do aprendiz e pensar em novas formas e oportunidades que permitam uma aprendizagem eficaz. De acordo com Fazenda et al¹(2007), a avaliação enquanto reflexão crítica sobre a realidade, deveria ajudar a descobrir as necessidades do trabalho educativo e perceber os verdadeiros problemas para buscar resolvê-los. Logo, os autores observam que a avaliação não é um meio de “punir” o aluno por não apresentar um resultado satisfatório, mas uma forma para a identificação, por parte dos professores das reais dificuldades dos alunos e como contribuir para seu aprendizado.

Luckesi et al (2005), diz que, o método de reprovar e aprovar, utilizado nas escolas influencia e muito nas reprovações dos alunos, tornando-se um aliado às frustrações no âmbito escolar, ocasionando, muitas vezes a evasão escolar.

Ainda a este respeito, Haydt (1997, p.28, apud FAZENDA, 2007) assinala que “A avaliação não deve ser semelhante a um meteorito que cai repentinamente dos céus para castigar alunos indisciplinados, ou para preencher a aula, quando o professor não tiver tido tempo para prepará-la”.

¹ Escrito pelas autoras FAZENDA, Ivan Catarina A; KIECKHOEFEL, Leomar; PEREIRA, Luiza P; SOARES, Arlete Zanetti; **Avaliação e Interdisciplinaridade**; 2007

Pretende-se, portanto com este estudo, identificar e divulgar as metodologias mais eficazes que são aplicadas no âmbito escolar, às quais têm sido apontadas para a formação de sujeitos leitores. Alguns exemplos dessas metodologias tem sido, as leituras compartilhadas e em voz alta, interação, introdução de bibliotecas² nas escolas. Isso pode resultar no hábito da Leitura e da escrita, portanto, é imprescindível um espaço voltado para essas atividades, que instigue os alunos.

Apesar das diversas ações de políticas educacionais, em âmbito nacional, a problemática da má aprendizagem ainda se estende aos dias atuais. Esta vem causando comprometendo o desenvolvimento intelectual dos jovens, e a tendencia é progredir, como identificado no documento lançado pelo INEP:

Ressalta-se que cerca de 1,9 milhares de jovens de 15 a 17 que frequenta a escola ainda estão matriculados no ensino fundamental, que mostra a forte retenção praticada nas escolas brasileiras. Isso coloca o Brasil longe da meta do PNE de até 2024, ter pelo menos 85% da população de 15 a 17 anos frequentando o ensino médio. Em 2019, esse indicador alcançou 73% dos jovens e apresentou expressiva desigualdade regionais e sociais. (INEP, 2020, p.7)

Assim, acredita-se que, é de relevante importância à continua busca de novos estudos e conhecimentos para a superação deste problema. Talvez, o mais importante, seja a dificuldade de leitura de mundo, de interpretar as coisas, para transformá-las, se preciso for (FREIRE, 1981). Portanto, precisa-se urgentemente, observar como tem sido o ensino de Leitura e escrita, bem como, a utilização de novas metodologias para a identificação das principais dificuldades enfrentadas pelos alunos, a fim de, buscar formas de saná-las e chegar a resultados mais eficazes.

² Citado por: HILLESCHHEIM, Araci; FACHIN, Gleisy; **Biblioteca escolar e a Leitura**, Rev. ACB Biblioteconomia em Santa Catarina, v 8/9, 2003\2004 p.9.

2. HIPÓTESES

Ao se falar da crise educacional, que o sistema de ensino brasileiro enfrenta há décadas, como às dificuldades de Leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental, é inevitável pensar que, talvez seja necessário voltar o olhar, não somente para o momento presente, mas investigar como tem sido a formação de professores, nas últimas décadas; se há investimento de fato para uma boa formação acadêmica; para uma formação continuada desses profissionais; se os professores estão preparados para detectar às dificuldades enfrentadas pelas crianças, bem como, se a escola dispõe de uma gestão pedagógica focada no planejamento de estratégias e iniciativas pertinentes, a melhoria da qualidade do processo de Ensino – Aprendizagem.

Muitas crianças chegam ao Ensino Fundamental sem saber ler e escrever de forma eficaz. Supostamente, porque essas dificuldades tenham surgido, ainda no início do processo de escolarização, onde as crianças deveriam aprender de forma apropriada o alfabeto; que as letras representam sons, cada uma com sua especificidade; que a leitura é divertida e que usamos palavras para nos comunicar, tanto verbalmente como de forma escrita.

Nesse contexto, outra questão a se pensar é que, no período do infantil, as salas de aula são superlotadas, onde apenas um professor se responsabiliza pela alfabetização de várias crianças. Logo, este educador fica sobrecarregado e se deixa vencer pelo cansaço extremo, e sem tempo para se planejar, acaba muitas vezes só seguindo o protocolo, os livros didáticos etc., não “parando” muito para observar às dificuldades ali presentes, que muitas vezes passam despercebidas. Se essa atenção fosse dada às crianças, ainda pequenas, poder-se-ia evitar muitas das dificuldades que se tem hoje, pois é na infância, que muitas crianças começam a dar sinais de determinados problemas, como dislexia, autismo, como é apontado no artigo de Guimarães (2004). Além disso, evidentemente, o mesmo ocorre com os professores. Estes, principalmente precisam de uma atenção a mais, uma formação mais didática, dinâmica, interdisciplinar e interativa.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral

- Investigar como se dá o Ensino das práticas de Leitura e escrita para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, especificamente da Escola Municipal Francisco Januário da Costa, localizada no Maciço de Baturité, no município de Redenção – CE, observando, às possíveis dificuldades encontradas pelos professores, em sala de aula e às contribuições da referida escola, no âmbito das metodologias educacionais, destinadas a uma efetiva aprendizagem da Leitura e escrita

3.2. Objetivos específicos

- Observar às práticas de Leitura e escrita, utilizadas pelos professores dos anos finais do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Francisco Januário da Costa, localizada em Redenção – CE.
- Verificar, os desafios e dificuldades encontrados pelos educadores para a estimulação da Leitura e escrita, no espaço escolar; e, quais os recursos metodológicos empregados por eles nesse processo.

4. JUSTIFICATIVA

A abordagem dessa problemática neste estudo, deve-se à preocupação de muitos estudiosos com o rumo da educação brasileira, que vem regredindo cada vez mais. É perceptível essa triste realidade, na qual, inúmeros estudantes matriculados no ensino Fundamental II e até mesmo, no Ensino médio não sabem ler ou escrever textos simples, e sentem vergonha, receio, de ler em voz alta. Para este estudo, considerar-se-á a escola Francisco Januário da Costa, por ser a única escola de Ensino Fundamental II, que comporta alunos de mais três localidades.

Espera-se que, este estudo possa contribuir para a observação, identificação e reflexão quanto às metodologias aplicadas ao ensino da Leitura e Escrita, que contribuam ou não para a eficácia desse processo. Destacando, assim, a importância desse mapeamento diário, em sala de aula. para tanto, pretende-se, ao final da pesquisa mostrar os resultados aos professores da escola, em questão, e propiciar a eles a oportunidade de pensar em novas soluções para a resolução dessa problemática, o que poderá resultar em novas atividades e ações, por parte dos professores, voltadas para o desenvolvimento das habilidades da Leitura e escrita.

A leitura e escrita devem ser estimuladas ainda na infância, quando isso não corre de forma dinâmica, às crianças acabam por ficar bloqueadas, sem conseguir desenvolver competências tão importantes para a comunicação social, afetividade e cidadania. É isso que vem acontecendo constantemente. Possivelmente, pelo fato, de às políticas educacionais ainda não darem conta da formação docente, bem como, ações destinadas ao estímulo da Leitura e Escrita nas escolas; e, quando ocorrem é de forma superficial, sem formação, acompanhamento e fiscalização adequadas.

Quanto aos estímulos para essas práticas pedagógicas:

Uma maneira prática de incentivar os alunos a buscarem conhecimento é o desenvolvimento da autonomia, que pode ser encarada ao mesmo tempo como capacidade a ser desenvolvida pelos alunos e como princípio a ser adotado pelos professores. É gerando ações e vivenciando-as com os alunos através de temas estimulantes e buscando sempre o sentido daquilo que se faz, criando atitudes, valores e normas, que o professor terá condições para uma situação geradora de autonomia e segurança, não só para os estudos, mas também para vida. (PEZZINI e SZYMANSKI 2008, P.3)

Este estudo, pode trazer resultados satisfatórios na busca pela identificação das reais dificuldades enfrentadas pelos professores no processo de ensino-aprendizagem, no que diz respeito a Leitura e Escrita, como mencionado. Logo, a discussão aqui presente e os possíveis

resultados podem ser um incentivo para que outros pesquisadores, o “corpo” gestor escolar de outras instituições, bem como, os próprios professores, possam buscar esse entendimento e começar, de fato, lutar por mudanças significativas para uma aprendizagem de excelência.

5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

5.1. O processo de ensino-aprendizagem da Leitura e escrita: desafios enfrentados

É alarmante o crescente número de crianças e jovens que concluem o Ensino Fundamental como analfabetos funcionais, sem saber ler e escrever de forma completa e eficaz. Esses, acabam por ingressar no Ensino Médio cheios de dificuldade, medos, bloqueios e sem vontade de aprender, e isso prejudica muito a conduta do cidadão em sociedade, como sua conduta no meio social, seu progresso cognitivo e intelectual, sua interação social, bem como restringe as oportunidades de crescimento socioeconômico. A este respeito, Soares (2003, apud SIMONETTI, 2007, p.14) “chama a atenção para a última avaliação do sistema nacional das avaliações básicas (SAEB), denunciando que aproximadamente 33% dos alunos com quatro anos de escolarização são analfabetos, ou seja, a criança termina analfabeta na 4ª série do fundamental³”.

Nos dias atuais, esses números só aumentam. De acordo com Tokarnia (2020), no período de 2018 para 2019 houve uma queda nos números de analfabetismo - 6,8% para 6,6%, mas isso ainda não foi uma melhora significativa, pois, como mostram inúmeros estudos, grande parte dos alunos da rede pública apresentam dificuldades em Leitura e escrita.

Diante disso, é preciso pensar na formação docente e os métodos de avaliação, empregado por esses, em sala de aula, observando, se estas avaliações de fato contribuem para a identificação das dificuldades dos alunos. Em uma entrevista Luckesi afirma que:

A maioria das escolas promove exames, que não são uma prática de avaliação. O ato de examinar é classificatório e seletivo. A avaliação, ao contrário, diagnostica e inclusiva. Hoje aplicamos instrumentos de qualidade duvidosa: corrigimos provas e contamos os pontos para concluir se o aluno será aprovado ou reprovado. O processo foi concebido para que alguns estudantes sejam incluídos e outros, excluídos. Do ponto de vista político-pedagógico, é uma tradição antidemocrática e autoritária, porque centrada na pessoa do professor e no sistema de ensino, não em quem aprende. (LUCKESI, 2006, p.1).

Partindo desta prerrogativa, é possível perceber que as avaliações têm sido utilizadas com o intuito de simplesmente “aprovar” ou “reprovar” o aluno. Teoricamente, às avaliações são utilizadas como uma forma de catalogar, ou seja, dar uma nota ao aluno, medir o seu desempenho na sala de aula. Elas não realizam o diagnóstico do que ainda precisa ser ensinado

³ Extraído do livro **o desafio de alfabetizar e letrar** da autora Amália Simonetti, 2007, p. 14

ou aprendido, é um ensino “engessado” que não dá assistência ao aluno e ao professor, de acordo com (NETO, AQUINO, 2009, p.4) e estes acrescentam:

“Além de diagnosticar, a avaliação tem função de propiciar a autoconsciência do nível e das condições em que se encontram tanto o educando quanto o educador. Esse reconhecimento do limite e da amplitude de onde se está possibilita uma motivação e a consequente contribuição tanto para auxiliar quanto para o aprofundamento da aprendizagem”.

Os professores têm sido sobrecarregados, precisam estar todos os dias, em sala de aula, perpassando inúmeras turmas para cumprir uma carga horária alta, que o possibilita receber um valor x para sobreviver. Logo, não é apenas o professor que deve ser culpabilizado pelos índices negativos da má aprendizagem dos alunos, é todo um sistema governamental, político e socioeconômico que ainda não valoriza a educação e os profissionais docentes como se deveria fazer. Os professores deveriam ter mais tempo para se planejar, para se capacitar e investir em sua formação continuada. A gestão escolar deveria ser orientada para a criação de iniciativas que propiciem o debate entre os professores, a respeito de formas e métodos comprovados cientificamente como eficaz na aprendizagem dos alunos. O diálogo entre gestores, professores, pais e alunos é imprescindível para uma educação transformadora, mas isso ainda se distancia da realidade atual.

Nesse contexto, o professor tem papel fundamental no processo avaliativo e, por isso, necessita, durante a ação educativa, buscar estimular e incentivar o aluno, com estratégias diferenciadas, possibilitando o acolhimento, a integração e a inclusão dos sujeitos do conhecimento. É imprescindível ao professor, no seu fazer cotidiano, dar oportunidade para os educandos trocarem ideias, se expressarem e participarem dos trabalhos em grupos e /ou individuais. Tal prática precisa estar pautada na harmonia, na união e no clima de efetividade entre educandos e educadores. (NETO, AQUINO, 2009, p.8/9)

Ainda sobre avaliação, o autor reforça:

A avaliação é constituída de instrumentos de diagnósticos, que levam a uma intervenção visando à melhoria da aprendizagem. Se ela for obtida, o estudante será sempre aprovado, por ter adquiridos os conhecimentos e habilidades necessários. A avaliação é inclusiva porque o estudante vai ser ajudado a dar um passo à frente. Essa concepção político-pedagógica é para todos os alunos e por outro lado é um ato dialógico, que implica necessariamente uma negociação entre professor e o estudante. (LUCKESI, 2006, p.1)

Como o autor declara, os educadores estão convictos de que o aluno somente aprende se reproduzir tecnicamente os conteúdos passados e que se o aluno não aprende a culpa não é sua, porém o processo de ensino-aprendizagem é coletivo. Isso, às vezes não é compreendido por parte dos gestores e professores, e estes ficam acomodados a um ensino repetitivo.

Ainda quanto a isto, vale ressaltar às contribuições de Fazenda et al diz que:

A avaliação, em algumas situações, tem sido utilizada com aspectos controlador por parte dos professores que estabelecem os instrumentos de verificação da aprendizagem do aluno, instrumentos esses padronizados como provas, chamada oral ou exercícios de múltiplas escolhas, nos quais consideram como correta uma única resposta a determinada questão. Enfatizam somente os conteúdos que foram transmitidos, não considerando as diferenças individuais do aluno e desvalorizam conhecimentos que possam mostrar suas experiências e de outras fontes, o que muitas vezes podem limitar a sua criatividade. (FAZENDA ET AL, 2007 p.24 e 25).

Pensando nisso, é de suma importância que às crianças, no início do seu processo de alfabetização sejam expostas à diversas situações, dinâmicas e atividades relacionadas a leitura e escrita para chegar ao Ensino Fundamental com os conhecimentos necessários, para dar continuidade a seu processo de aprendizagem, como se é orientado na BNCC⁴. Nas palavras de (FRANCO, 2011, p.2): “Podemos perceber a existência de professores que, por algum motivo, não dão à leitura sua devida importância. Se ao entrar nas series iniciais os alunos não tiveram o incentivo de leitura oferecida pelo docente, dificilmente eles irão ler”.

Simonetti⁵ (2007), aborda o processo de alfabetização e letramento, destacando a relevância da criança estar em um espaço onde o hábito de escrever seja comum; e soma-se a isso o exercício da leitura de histórias variadas, pois isso é primordial para o aprendizado da distinção entre a fala e a escrita e a relação que ambas refletem. É preciso estimular a criança a ler e escrever de maneira natural, como ainda afirma a autora:

O nosso desafio de alfabetizar e letrar na escola é conseguir que as crianças leiam e escrevam de forma espontânea, criativa, construtiva e que possam inserir-se no universo da cultura escrita. Para nós, alfabetizar e letrar na Educação Infantil é, antes de qualquer coisa, provocar e despertar nas crianças o desejo e o prazer de ler e escrever, inserindo-as de forma lúdica no mundo da leitura e da escrita (SIMONETTI, 2007 p.13).

Ademais “Não podemos esquecer que para alfabetizar e letrar é preciso também vontade da professora”, ou seja, desejo, decisão e competência. Logo o professor precisa ser constantemente motivado a mudar, a inovar, a melhor planejar e criar situações que desenvolvam verdadeiramente as habilidades da leitura, escrita e oralidade. Essa motivação deve partir não só da gestão escolar, mas principalmente dos órgãos educacionais, que tem por missão investir em políticas públicas para a formação de professores e ensino. Ainda sobre isso,

⁴ Base Nacional Comum Curricular, criada pelo ministério da educação, 2017, p. 59

⁵ Tendo como origem do livro; **O desafio de alfabetizar e letrar**; Amália Simonetti; 2007.

em outro estudo, Simonetti; Neto et al (2009) dizem que o professor deve estar atento a seus alunos todos os dias, buscando observar se eles estão aprendendo.

No artigo de Araci Hillesheim e Gleisy Fachin⁶, as autoras ressaltam os pensamentos de Simonetti e ilustram às fragmentações presentes nas instituições, devido à falta de investimentos na educação, conforme a seguir:

O hábito da leitura deve ser estimulado nos primeiros anos de vida escolar. Porém, é impossível negar que a maioria das escolas, lamentavelmente, ainda não possui infraestrutura desejável para a conscientização do hábito da leitura, sendo necessário à existência das parcerias e a manutenção desses projetos (HILLESHEIM e FACHIN, 2003\2004, p.9).

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1998, p.5 e 6):

Grande parte do mau desempenho dos alunos, agravado pelos problemas da reprovação e da preparação insatisfatória, prévia e em serviço, dos professores, é devida à insuficiência de diálogos e metodologias de trabalhos diversificados na sala de aula que permitam a expressão de níveis diferenciais de compreensão, de conhecimentos e de valores éticos, políticos e estéticos. Através de múltiplas interações entre professores/alunos, alunos/alunos, alunos/livros, vídeos, materiais didáticos e a mídia, devolvem-se ações Inter e intrassubjetivas, que geram conhecimentos e valores transformadores e permanentes.

Portanto, o professor deve ser bem-preparado para atuar de forma diversificada; e um ensino voltado para o exercício do pensamento crítico e cidadania, bem como uma aprendizagem satisfatória.

5.2. Políticas educacionais: formação de professores e as possibilidades para o ensino-aprendizado da leitura e escrita

Segundo Franco (2011) e Junior (2017), às dificuldades apresentadas pelos educadores quanto ao ensino de Leitura e escrita está relacionado a má formação desses profissionais ou a não formação continuada: “Essa falta de interesse de alguns educadores com a leitura pode ocorrer, entre outros aspectos, por existirem falhas na formação continuada dos mesmos, por isso grande parte deles encontram dificuldades ao trabalhar esse conteúdo com seus alunos nas séries iniciais”.

Segundo Martins (1986) muitos professores utilizam apenas livros didáticos em sua prática pedagógica, o que torna o ensino superficial e mecanizado. Luckesi (2006) diz que: “O

⁶ Artigo com o tema **Biblioteca Escolar e a Leitura**, Araci Hilleesheim e Gleicy Fachin; 2003/2004.

currículo tem de distinguir e prever o que é essencial. O que for ampliação cultural deve ser abordado apenas se houver tempo. Muitas vezes o que ocorre é uma distorção: tomar o livro didático como roteiro de aulas e considerar essencial o que está ali como ilustração, curiosidade, entretenimento”. Para o exercício do senso crítico, o aluno deve ter acesso a diferentes gêneros textuais, diversas formas de expressão etc., o texto deve ser estudado como um todo e não apenas frases soltas, desconexas de seu contexto de comunicação, um pretexto para estudo de gramática e ortografia, por exemplo.

Como já citado aqui, não se deve culpabilizar o professor como principal responsável pelas dificuldades dos alunos. É preciso considerar a realidade do professor no Brasil, que muitas das vezes após sua formação começam a trabalhar em dois e até mesmo três turnos para conseguir sobreviver razoavelmente bem; por falta de tempo não conseguem se aprofundar em suas áreas de formação... exaustos pelo cansaço se deixam levar pelo comodismo de trabalhar com o livro didático, passando diversos exercícios para preencher lacunas, para pegar informações no texto sem a devida reflexão de sua funcionalidade no texto. Não restando tempo para debates, leituras compartilhadas, dinâmicas de leitura e produção escrita.

De acordo com uma pesquisa realizada pelo G1⁷, somente 25% dos alunos em questão saem da escola sabendo ler e escrever, o que tem causado preocupação e questionamento por parte dos pais. Segundo a entrevistada Nádia Bossa, formada em psicopedagogia, o fracasso escolar é o fracasso do próprio sistema de ensino, ela compara o sistema educacional e seus problemas à uma “infecção” que necessita ser tratada o quanto antes.

Pensando no contexto atual de pandemia, causada pelo novo coronavírus – COVID-19, o sistema de ensino tem sido muito afetado, a educação brasileira já não estava boa, agora está cada vez mais complicada. Mas diante disso, tem sido possível olhar mais atentamente para as demandas no ensino. Percebeu-se que muitos alunos não dispõem de recursos tecnológicos como celular, tablet e notebook, nem acesso à internet em casa e que muitos não tem ajuda de familiares em suas tarefas. Ademais, muitos professores não possuem conhecimentos das Tecnologias da Informação, aplicadas ao ensino. A pandemia tem sido difícil, esta tem dificultado ainda mais o ensino-aprendizagem de crianças e jovens, porém certamente trará

⁷ Pelo G1 - um portal de notícias do grupo televisivo Globo, entrevista feita 2011

mudanças significativas e tão necessárias no rumo da educação brasileira, como já vem acontecendo, mas a educação não pode parar, conforme (MACENO; SILVA, 2020, p. 151):

Assim, não será uma paralisia parcial da educação escolar sob as circunstâncias da pandemia de coronavírus que irá interromper a função mediativa que ela exerce na reprodução da sociedade. A própria transferência das atividades presenciais para o modelo EAD evidencia como a escola se adapta para continuar a exercer a sua funcionalidade social. A escola e a sociedade capitalista são inseparáveis.

Mais do que nunca ficou provada, diante de uma pandemia, o quão frágil é a educação brasileira, e o quanto ainda precisa-se investir em ações para o seu progresso. Os alunos do Ensino Fundamental II precisam ser preparados para a realidade do ensino médio, marcado por muitas transformações na vida desses jovens, que estão se preparando para o mercado de trabalho ou para tentar um curso superior. Muitos deles, mesmo no ensino médio apresentam dificuldade em ler em voz alta, escrever um texto, dificuldade de apresentar um seminário etc., porque no ensino fundamental não são trabalhados de forma coerente a leitura, a produção de textos e o exercício da oralidade.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC⁸, 2017, p.15) algumas das estratégias que devem ser elaboradas pelas instituições para o estímulo à leitura são: “(...) os sistemas de redes de ensino devem construir currículos, e as escolas precisam elaborar propostas pedagógicas que considerem as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes, assim como suas identidades linguísticas, étnicas e culturais”.

Um dos métodos expostos por alguns estudiosos que tem apresentado resultado satisfatório é a leitura em voz alta, onde há interação da criança com o adulto e o desenvolvimento dos sentidos, ao fazer indagações, escutar e responder. É a forma de entender a linguagem escrita e até mesmo explorar a oralidade. (TEBEROSKY et al, 2003). Partindo deste ponto, esta interação entre professor/aluno, propicia o aprendizado, mas de uma forma mais leve, prazerosa e dando ao aluno mais segurança, domínio e autonomia.

Outro método citado pela autora acima é a utilização de livros com desenhos, que ajuda tanto na leitura quanto no visual e faz ligações desencadeando um bom entendimento. As poesias por exemplo, podem ser usadas para ler, gravar e recitar, ou seja, explorar não somente as aulas expositivas, mas também as aulas práticas. Outro aspecto é que quando as crianças

⁸ BNCC e suas competências: qual aluno queremos formar? Escrito por Anna Penido, diretora-executiva do instituto inspirare, 2017

estão em contato com os livros elas passam a aprender palavras novas e se familiarizar com estes novos vocabulários.

A presença dos pais no processo de aprendizado é fundamental para o desenvolvimento da criança. Teberosky e Colomer (2003) citam também um outro exemplo, que é a leitura compartilhada com os pais. Esta leitura tem como característica destacar atributos na interação, instigando a criança a fazer mais indagações. As histórias são contadas inúmeras vezes para despertar o interesse, segundo estudos feitos por estas autoras, isto conduzirá ao aprendizado.

Outra forma metodológica e estratégica de estimular à leitura para às crianças, adotada pelos estudiosos é a possibilidade de deixar os livros mais próximos das crianças/ jovens. As escolas, portanto, devem ter bibliotecas com espaço atrativo, isso permite a curiosidade dos alunos. Assim haverá integração e aprendizado, porém, para que isto não se torne possível cabe aos docentes, junto com o corpo pedagógico, criar mecanismo que chamem a atenção destes alunos. Vale ressaltar ainda, que estes livros devem conter histórias e aspectos que estimulem a imaginação e o pensamento crítico, como afirmam Motta⁹ (2008); Junior¹⁰ (2017) e Franco (2011) em alguns de seus artigos¹¹.

Paulo Freire (1981) após compartilhar as suas experiências da infância no processo de aprendizado, onde destaca que os seus pais foram fundamentais para a sua alfabetização e a sua leitura de mundo e, que conseqüentemente ao ingressar na escola já dominava a leitura e a escrita, defende que tem que haver uma assimilação entre objetos que fazem parte do dia a dia do educando para uma melhor compreensão:

Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só aprendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica de descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso, é que a leitura de um texto, tomando como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE,1981, p.12)

⁹ Um artigo criado por Aracelle Palma Fávaro Motta, que a tem como título “**O letramento crítico no ensino/aprendizagem de línguas inglesa sob a perspectiva docente**”, 2008

¹⁰Um artigo que tem como tema “**O letramento crítico na formação inicial de professores de língua materna e adicional**”, Silva Nunes da Silva Junior,2017

¹¹ Artigo que tem como título, **Dificuldades encontradas pelos professores em incentivar a leitura nos alunos de 1º e 2º das series iniciais**, criado pela autora Maiara Buschini Franco, 2011, p.5

Na BNCC são expostas competências, criadas para ajudar nas modificações que precisam ser realizadas na educação. No documento referente ao Ensino Fundamental de nove anos (2004)¹² é frisado a importância de um projeto nas escolas voltado para uma pedagogia que possibilite aprendizados não somente nos âmbitos escolares, mas que proporcionem uma inclusão e interatividade destas crianças com o meio escolar e familiar. Deste modo, os órgãos governamentais, investem neste projeto com intenção de desenvolver mais aprendizado, crescimento, saber e entre outros.

¹² Projeto criado por vários órgãos da educação (MEC/SEB/DPE/COEF) um documento que relata com é o ensino fundamental de nove ano, são procedimentos criados pelo Ministério da Educação para um diálogo edificante com os âmbitos escolares, 2008

6. METODOLOGIA

O método presente neste estudo, inspira-se no livro de John W. Creswell (2007) e David E. Gray (2012), no qual é tratado sobre técnicas de pesquisas e escolha metodológica qualitativa, que cuja análise é mais subjetiva e interpretativa, por meio da investigação de fenômenos e acontecimentos em sociedade. Neste tipo de pesquisa pode-se utilizar questionários para uma pesquisa de levantamento com perguntas abertas, entrevista ou observações sobre materiais não escritos, a exemplo disso, jornais, vídeos e fotografias etc.,

Esta é uma pesquisa bibliográfica/ campo, sendo considerados estudos que se debruçam sobre a investigação da Alfabetização e Formação de professores, Letramento, Multiletramentos e Letramentos digitais, bem como, análise de documentos que tragam reflexões acerca de possíveis ações didático-pedagógicas para a promoção de um ensino de qualidade. Para tanto, far-se-á uso de questionários para entrevista com os professores, que em decorrência da pandemia da Covid-19, ocorrerá de forma remota, com professores da Escola Municipal Francisco Januário Costa. Diante disso, será possível averiguar às dificuldades que os professores, ainda enfrentam, diante do ensino da Leitura e escrita, bem como, às transformações que estão acontecendo, no espaço escolar atualmente.

Inicialmente será realizada o levantamento de material bibliográfico; em um segundo momento, a revisão de Literatura, posteriormente será a gravação das entrevistas, e por fim, a análise, a partir dos dados coletados.

Para a obtenção de informações, far-se-á entrevista com professores, esta será gravada em formato de áudio, por intermédio de um dispositivo eletrônico. A entrevista é importante por possibilitar a coleta de dados precisos, como afirma (BASTOS; SANTOS, 2013, p.10) “(...) Tradicionalmente, é utilizada como um instrumento para coletar dados e informações, os quais seriam extraídos de recipientes, os entrevistados”.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Liliana C; ANTOS, William S. **A entrevista na pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet/ Faperj, 2013. p.10

BRASIL. **Relatório de 3º ciclo de monitoramento das metas do plano nacional de educação**, Brasília-DF, INEP/MEC, 2020, p. 7

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino Fundamental (DCNs)**. Brasília: MEC,1998

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Ministério da Educação, Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017

BRASIL. **Ensino Fundamental de Nove Anos**. MEC, 06 de fevereiro, 2006

Bem-estar do professor. Conheça os 5 Maiores desafios do professor. 13 de julho de 2018. Disponível em < <https://www.somospar.com.br/maiores-desafios-do-professor/>>

BOSSA, Nádia. Escola é o fracasso do sistema educacional, diz especialista. São Paulo:

G1(televisivo Globo), 2011. Disponível em

<<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2011/05/fracasso-escolar-e-o-fracasso-do-sistema-educacional-diz>

especialista.html#:~:text='Fracasso%20escolar%20%C3%A9%20o%20fracasso,%2C%20diz%20especialista%20%7C%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20%7C%20G1&text=Pesquisa%20aponta%20que%20s%C3%B3%2025,grupo%20de%20atendimento%20no%20HC.&text='Doutora%2C%20meu%20filho%20vai%20%C3%A0,ele%20n%C3%A3o%20consegue%20aprender%20nada>

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto**. - Porto Alegre: Artmed, 2-ed, 2007

COLOMER, Teresa; CAMPOS, Anna. **Ensinar a ler e ensinar a compreender**. Porto Alegre: Artmed, 2002

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real**. Tradução Roberto Cataldo Costa; revisão técnica; Dirceu da Silva – 2. ed- Porto Alegre. 2012

FAZENDA, Ivani Catarina et al. **Avaliação e a interdisciplinaridade**. São Paulo, 2007, p. 24-25

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: artes médicas,1986

FRANCO, Maiara Buschini. **Dificuldades encontradas pelos professores em incentivar a leitura nos alunos de 1º e 2º das séries iniciais**. Revista Educação no (con.) texto: do curso de pedagogia, Jan/dez, 2011

Freire, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1981

GUIMARÃES, Sandra R. K. Dislexias adquiridas como referência para análises das dificuldades de aprendizagem da leitura. **Educ. rev.** [online]. 2004, n:23, p.285-306. ISSN 0104-4060. Disponível em<<https://www.scielo.br/j/er/a/zFh9R5fxShVRQrNdwYNL5bM/abstract/?lang=pt>>

HILLESHEIM, Araci; FACHIN, Gleisy. Biblioteca escolar e a Leitura. **Rev. ACB Biblioteconomia em Santa Catarina**, v 8/9, 2003\2004 p.9

JUNIOR, Silva Nunes S. **O letramento crítico na formação inicial de professores de língua materna e adicional**. Alagoas: Universidade Federal de Alagoas, 2017

LIBÓRIO, Daisy; TERRA, Lucimara. **Metodologia científica**. Manual trabalhos acadêmicos, 2013

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Entrevista com Cipriano Carlos Luckesi**. Nova escola, exemplar 58, 01 de abril 2006, disponível em<<https://novaescola.org.br/conteudo/190/cipriano-carlos-luckesi-qualidade-aprendizado>>

MACENO, Eugênio; SILVA, Luiz Felipe B. Escola, epidemias virais e o sistema do capital. **Revista eletrônica arma da crítica**, 13 de maio 2020

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** Editora Brasiliense: São Paulo, 1986

MOTTA, Aracelle P. F. **O letramento crítico no ensino/aprendizado de línguas inglesa sob a perspectiva docente**. Londrina, 2008

NETO, Ana Lúcia C; AQUINO, Josefa. **A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica?** Scielo: Belo Horizonte, 2009, p. 8-9

RIOS, Guilherme Veiga. Letramento do maciço de Baturité (CE): conhecendo os letramentos na vida e na escola do Maciço de Baturité. **Escola de estudos Linguísticos UNILAB**, 5 de junho de 2020. Disponível em <<https://youtu.be/3cwzJ79Fe2Y>>

RICARDO, Stella Maris B. **Leitura e Meditação Pedagógica**. São Paulo: Parábola Editorial. 2012

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.14

_____. Alfabetização e Letramento. São Paulo: contexto, 2003

_____. A Reinvenção Alfabetização. *Presença Pedagógica*. v.9, n.52, Belo Horizonte: **Dimensão** jul/ago 2003

SIMONETTI, Amália. **O desafio de alfabetizar e letrar**. Fortaleza; editora IMEPH, 2007, p.14

PEZZINI, Clenilda C; COL, Szymanski; SICA, Maria Lída. Falta de desejo de aprender, Causas e consequências, 08 de dezembro 2008. Disponível em <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/853-2.pdf>>

TOKARNIA, Mariana. **Analfabetismo cai, mas Brasil ainda tem 11 milhões sem ler e escrever**. Agência Brasil: Rio de Janeiro, 2020

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003

____. ____Ana; GALLART. **Contextos de alfabetização Inicial**. Porto Alegre: Artmed, 2004